



2006/02/19

AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?

Eduardo Silvestre dos Santos

“A história não acabou. O mundo não é uno. As civilizações unem e dividem a humanidade”. [1]

Os acontecimentos mais recentes (Irão, Hamas, “cartoons”) parecem querer dar razão ao paradigma do “choque de civilizações” que Samuel P. Huntington publicou em 1996. Teorias como a geopolítica do caos e a anarquia de Estados, entre outras, não conseguem explicar convenientemente o que está a acontecer após a bipolarização ter terminado e a globalização ter começado a ditar as suas leis.

As teses de Huntington são sobejamente conhecidas, mas sempre recordaremos que o seu pensamento central se centra no princípio de que será a identidade cultural e civilizacional que regulará a coesão, a desintegração e os conflitos futuros. Para Huntington, o pós-guerra fria seria caracterizado por um ressurgimento dos fenómenos de identidade e religiosos, “frustrados” durante demasiado tempo pelos quadros de pensamento ideológico herdados do confronto Leste-Oeste e exacerbados pela globalização. Futuramente, a principal fonte de conflitos não seria primariamente ideológica ou económica; seria cultural! As maiores diferenças no desenvolvimento político e económico entre as civilizações têm, claramente, raízes nas suas diferentes culturas.

As divisões do tempo da guerra fria (primeiro, segundo e terceiro mundos) já não têm qualquer relevância. É agora muito mais significativo agrupar os países segundo a sua cultura e civilização. Esta define-se por elementos objectivos comuns, como a língua, a história, a religião, os costumes e as instituições. As características e as diferenças culturais são menos mutáveis e, conseqüentemente, menos facilmente comprometidas e transformadas do que as políticas e económicas.

Foram muitos os acontecimentos importantes que, após a queda do “muro de Berlim”, apontam nesse sentido: a dissolução da URSS e a luta pela identidade de várias etnias dentro da Federação Russa, a dissolução sangrenta da Jugoslávia, a ascensão do fundamentalismo religioso no mundo, a resistência dos estados islâmicos à pressão ocidental sobre os recursos energéticos, os esforços de vários deles para a obtenção de tecnologia nuclear e respectivos meios de lançamento, a invasão do Iraque e, mais recentemente, o “programa nuclear” do Irão, a eleição do Hamas na Palestina e a hipervaloração do episódio dos “cartoons” anti-islâmicos dinamarqueses.

Assim, para aquele pensador, o eixo central da política mundial pós-guerra fria reside na interacção entre o poder e a cultura ocidentais e o poder e a cultura das civilizações não ocidentais. “A fonte fundamental da expansão ocidental foi tecnológica. O Ocidente venceu o mundo, não pela superioridade das suas ideias, valores ou religião, mas antes pela sua superioridade em aplicar a violência organizada. Os Ocidentais esquecem, com frequência, este facto; os não orientais, nunca.” [2]

As comunicações globais são uma das mais importantes manifestações do poder ocidental. Esta hegemonia, porém, encoraja os políticos populistas não ocidentais a denunciarem o imperialismo cultural ocidental e a tentarem preservar a sobrevivência e a integridade da sua cultura indígena. As ideias ocidentais de individualismo, liberalismo, constitucionalismo, direitos humanos, igualdade, liberdade de reunião e de expressão, primado da lei, democracia, mercado livre e separação da Igreja do Estado, têm, a maior parte das vezes, pouca ressonância nas outras culturas. Huntington prevê por isso que os conflitos futuros resultarão provavelmente dos choques entre a arrogância ocidental, a intolerância islâmica e a afirmação chinesa, pois aquilo que o Ocidente considera universalismo, é considerado pelo resto do mundo como imperialismo.

Por seu turno, ainda segundo Huntington, os Ocidentais receiam cada vez mais estar agora a ser invadidos por imigrantes que falam outras línguas, veneram outros deuses, pertencem a outras culturas e também beneficiam da segurança social e ameaçam o seu modo de vida. É porém com o Islão que o Ocidente judaico-cristão mais se tem chocado ao longo dos séculos e assim continua.

O conflito do século XX entre a democracia liberal e o marxismo-leninismo não é senão um fenómeno fugaz e superficial quando comparado com o conflito contínuo e profundo entre o Islão e o Cristianismo. O Islão é a única civilização que pôs em causa a sobrevivência do Ocidente e fê-lo, pelo menos, duas vezes - da batalha de Poitiers (732) até à queda de Granada (1492), e em 1683, às portas de Viena).

Enquanto que, no Ocidente, o Estado-Nação é o símbolo da lealdade política, no Islão os principais focos de lealdade e de empenhamento têm sido a pequena comunidade e a grande fé (a “ummah”), não tendo o Estado-Nação tanto significado. A ideia da soberania do Estado-Nação não é compatível com a fé na soberania de Alá e com o primado da “ummah”, que o considera ilegítimo. Isto resulta também do facto das fronteiras existentes terem sido desenhadas arbitrariamente pelo colonialismo e imperialismo europeus (russo incluído), não coincidindo com os grupos étnicos (i.e. curdos, berberes e azeris).

Mas não é só com o Cristianismo que o Islão tem conflitos. Tem, na expressão de Huntington, “fronteiras sangrentas” com todas as civilizações que o rodeiam: Médio Oriente (Palestina e Líbano), Balcãs (Bósnia-Herzegovina e Kosovo), Cáucaso (Turquia-Arménia, Azerbaijão-Arménia, Geórgia-Ossétia, Geórgia-Abkhazia, Tchetchénia-Rússia), Eritreia, Sudão, Nigéria, Caxemira, Xingjiang, etc. As razões para esta conflitualidade acrescida do Islão derivam da sua fé absolutista, da mistura entre política e religião, da sua auto-imagem de fraqueza militar e económica, da ausência de um Estado líder, da explosão demográfica e da consequente instabilidade face ao desemprego crescente.

O que causou o ressurgimento das guerras civilizacionais no final do século XX e o papel central dos muçulmanos em tais conflitos?

O fundamentalismo islâmico começou a ser estimulado e alimentado pelos “choques” petrolíferos dos anos 70's, que fizeram aumentar significativamente a riqueza e o poder de muitos países muçulmanos e lhes permitiu conter a relação de subordinação que tinham com o Ocidente. Os fundamentalistas são, na sua generalidade, jovens, possuidores de grande mobilidade, oriundos de três grupos com um grau apreciável de modernidade de espírito: estudantes universitários ou licenciados e intelectuais; jovens oriundos das classes médias urbanas tradicionais (comerciantes, proprietários de pequenos negócios, etc.); e gente recém-imigrada para os grandes centros urbanos.

Um conjunto de factores tem feito endurecer o conflito entre o Islão e o Ocidente em finais do século XX: o crescimento da população muçulmana, gerando um número enorme de desempregados e de jovens descontentes, que se tornam fiéis à causa islâmica, exercem pressões sobre as sociedades vizinhas e emigram para o Ocidente; um renovar da confiança no carácter diferente e nos valores da sua civilização em comparação com a decadência do Ocidente; os esforços do Ocidente para manter a sua superioridade militar e económica e para intervir em conflitos no mundo muçulmano geram ressentimentos; o colapso do comunismo fez desaparecer o inimigo comum e originou que cada um visse no outro a principal ameaça; o contacto crescente entre ambos estimula em cada parte um novo sentido da sua própria identidade e mostra as diferenças com mais facilidade.

Os conflitos entre o Ocidente e o Islão estão menos centrados no território do que em questões intercivilizacionais mais amplas, como a proliferação dos armamentos, os direitos humanos e a democracia, o controlo do petróleo e a imigração. A pressão demográfica, derivada da elevada taxa de natalidade, combinada com a estagnação económica promoveu a emigração para o Ocidente e para outras sociedades não muçulmanas, provocando problemas nessas sociedades.

A primeira guerra civilizacional contemporânea foi a sucessão dos conflitos israelo-árabes (“guerra dos 6 dias”, Yom Kippur e Vale de Bekaa), de 1967 a 1982. A segunda foi a soviético-afegã (1979-1989), mas esta foi também algo mais: foi a primeira resistência com sucesso a uma potência estrangeira que não se baseava em princípios nacionalistas ou socialistas, mas antes em princípios islâmicos, uma “jihad”. Todos os muçulmanos se coligaram contra a URSS. A terceira foi a invasão do Iraque, que acicitou de novo a unidade civilizacional islâmica. Para Huntington, as guerras civilizacionais são intermitentes; os conflitos civilizacionais são intermináveis.

A vitória, obtida em eleições consideradas democráticas, pelo Hamas, movimento radical islâmico palestino, surpreendeu muitos observadores internacionais, que se interrogam como pode um movimento que tem praticado a guerrilha e o terrorismo e defendido a luta armada permanente contra Israel, ter tido a confiança da maioria dos palestinos, contra o aparelho vigente da Fatah. Os mais velhos, aqueles que não têm a memória curta e os que se interessam pelas lições que a História nos dá, não terão ficado tão surpreendidos. Sabem ou recordam-se que Israel nasceu de uma encarnizada luta de guerrilhas contra as forças do Reino Unido, potência que ocupava e controlava toda aquela área imediatamente após a 2.ª Guerra Mundial, beneficiando da simpatia e da tolerância da opinião pública internacional, ainda chocada pelos horrores do Holocausto. O chefe desse movimento, Ben Gurion, foi posteriormente reconhecido internacionalmente como o líder do Estado recém-criado.

Idêntico percurso foi o de Yasser Arafat, antes da Fatah ter sido invadida pela corrupção e pelas

agendas de interesses das facções internas, em vez dos interesses da população palestina. Para todos, apesar das diferentes circunstâncias, o lema foi idêntico: “Quem não tem nada, não tem nada a perder”!

A vitória do Hamas forneceu novo alento aos movimentos radicais muçulmanos na sua “cruzada” contra a “decadência” ocidental. Relativamente ao Irão, dá que pensar quais os critérios que a comunidade internacional, nomeadamente o Ocidente, está actualmente a utilizar para tentar evitar a continuação do programa nuclear iraniano, face àqueles que foram utilizados para a Coreia do Norte e quando, há décadas atrás, permitiu que Israel se tornasse na única potência nuclear do Médio Oriente? Parece que o princípio do “equilíbrio de forças” foi esquecido neste tempo pós-guerra fria.

Não estão só em causa as eventuais razões obscuras para o desenvolvimento de tal programa, pois é estranho que um país que é o 5.º mundial em reservas de petróleo, e o 2.º de gás natural, tenha necessidade de recorrer à tecnologia nuclear para produzir energia, de uma forma que o coloca “à margem da lei” da comunidade internacional. Está também em causa a gritante dualidade de critérios que o Ocidente utiliza.

A Cimeira da Liga Árabe, “desenterrou” os *cartoons* publicados há já vários meses por um jornal ligado à extrema-direita dinamarquesa e, aproveitando a maré da vitória eleitoral do Hamas radical e das dificuldades criadas ao “programa nuclear” iraniano, pôs em marcha uma mobilização diplomática e popular sem precedentes e de virulência inusitada para pressionar os líderes ocidentais, que foram da exigência patética de desculpas formais de governos que nada tinham a ver com o sucedido, até a manifestações de desmedida violência.

Segundo Soheib Bencheikh, antigo “mufti”[3] de Marselha e director do ISSI (*Institut Supérieur des Sciences Islamiques*), os ensinamentos do Corão que encorajam os fiéis a ultrapassar as divergências e as angústias e horrores humilhantes que o próprio Maomé sofreu, foram esquecidas pelos extremistas islâmicos, que têm uma interpretação muito própria do seu livro sagrado. Uma religião com perto de 14 séculos, sólida nas suas convicções e segura de si mesma, não pode nem deve vacilar perante provocações fúteis e críticas avulsas.

Uma vez mais, a Europa não reagiu com a firmeza exigida pela situação! É graças à liberdade de expressão que foi tão hostilizada, que os milhões de muçulmanos residentes na Europa podem expor os seus valores e professar a sua fé. Recordo-me daquilo que me contou pessoalmente a esposa do Embaixador de Portugal em Teerão na segunda metade da década de 90 - não podia conduzir viaturas e, sempre que saía, tinha de usar a cabeça coberta –, sei que é assim também na Arábia Saudita, e não posso deixar de pensar que é um excelente exemplo da “retribuição” de liberdades concedidas.

Qual será a razão pela qual a Europa se mostra tão pusilânime na sua posição perante as novas ameaças, nomeadamente o terrorismo? Qual será a razão por que a Europa tarda em criar uma capacidade militar e de projecção de forças proporcional ao seu poder económico, reduzindo assim o fosso tecnológico-militar para os EUA? Será porque pensa ingenuamente que é à ONU que compete liderar a resolução dos conflitos internacionais e que tem capacidade para o fazer? A mesma ONU que, em Setembro passado, após repetidos apelos do seu Secretário-Geral, foi incapaz de encontrar soluções credíveis para que se pudesse reestruturar e actualizar?

Será porque não concorda com a agressividade intervencionista, mesmo preemptiva, da administração neoliberal americana, e é real a divergência estratégica quanto ao modo de fazer face ao terrorismo (“hard power” americano vs. “soft power” europeu) e às condições que legitimam o uso da força? Será porque as suas elites políticas, comodamente instaladas em Bruxelas, “um sacro império burocrático, em regime de despotismo esclarecido”, como escreveu o Prof. Adelino Maltês, estão já num estádio pós-moderno vanguardista, crendo que os conflitos apenas se podem resolver por via diplomática e negocial? Ou será que todas estas razões são apenas parciais e conjunturais, e que apenas encobrem e camuflam uma outra razão mais profunda, menos visível, mas muito mais subtil, sibilina e potencialmente perigosa, para onde nos levaram aquelas mesmas elites, e que não é politicamente correcto referir abertamente? Reflectamos sobre ela!

A Europa receia cada vez mais “estar a ser invadida, não por exércitos, mas por imigrantes que falam outras línguas, veneram outros deuses, pertencem a outras culturas e também lhes roubam os empregos, ocupam as suas terras, beneficiam da segurança social e ameaçam o seu modo de vida”. A imigração foi, em parte, produto da descolonização, da formação de novos Estados cujas políticas forçaram pessoas a deslocar-se, e foi também resultado da modernização e do desenvolvimento tecnológico.

Vários peritos prevêem que a Europa terá uma maioria islâmica antes do fim deste século, estando assim a entrar numa nova era de transformação demográfica sem paralelo na História. Muitos dos

problemas políticos domésticos europeus já derivam dos conflitos entre os muçulmanos residentes e a restante sociedade. Sinal disso é a ascensão de partidos políticos da extrema-direita, anti-imigrantes, em países historicamente tolerantes como a França, a Áustria e a Holanda. Estas tensões culturais têm sido agravadas pelo debate sobre a admissão da Turquia na UE. Os partidos europeus que se opõem à imigração muçulmana são, em grande parte, a imagem no espelho dos partidos islamitas nos países muçulmanos.

De facto, a Europa alberga hoje cerca de 25 milhões de muçulmanos, ou seja, 5% da sua população, cerca de dois terços do total de imigrantes. Estes números não incluem a Turquia e os seus 67 milhões de muçulmanos. Se a incluirmos, a percentagem sobe para 15%. Além disso, os muçulmanos europeus estão concentrados maioritariamente nalguns países (França, Alemanha, Bélgica e Holanda) e, nestes, nalgumas áreas urbanas. Mais de um quarto da população de Marselha é muçulmana. Em Paris e em Bruxelas rondam os 15%, e em Amesterdão 10%.

A imigração é o factor principal para esta situação (em cada ano, cerca de um milhão de imigrantes legais entram na Europa, a maioria dos quais muçulmanos), mas não é a única. As comunidades islâmicas têm por norma elevadas taxas de natalidade, o que justifica a pressão migratória nesses países: 40% do mundo árabe tem menos de 14 anos de idade, afirma Fouad Ajami, Professor na Universidade John Hopkins. Existem previsões que apontam para que, à volta de 2025, 30% da população mundial seja muçulmana. Segundo a ONU, a população europeia decrescerá cerca de 100 milhões até 2050, o que será a maior quebra de população na Europa desde a Peste Negra, no século XIV.

A primeira vaga da imigração muçulmana começou após a 2.ª Guerra Mundial, face às relações entre os países, fossem elas coloniais ou não. Os turcos emigraram para a Alemanha, os Argelinos para França, os Indianos e Paquistaneses para a Grã-Bretanha, etc. Vagas sucessivas se seguiram, mas o padrão geral não se alterou. Esta minoria muçulmana está a conturbar e a obscurecer a política europeia. Tal deriva, em parte dos ataques de 2001-09-11 nos EUA e de 2004-03-11 em Madrid.

O facto é que existem sinais que a Al-Qaeda está já infiltrada em força na Europa! Foi em 1996, muito antes do 11 de Setembro, que a Espanha iniciou a sua primeira grande investigação sobre a presença de radicais islâmicos em território espanhol. Descobriram células de apoio ao terror, fornecendo dinheiro e homens para combater por causas islâmicas, desde a Bósnia ao Afeganistão. As redes continuaram sob vigilância, mas foi apenas após o 11 de Setembro que as autoridades viram as ligações em toda a sua dimensão.

Estes “jihadistas” não são radicais que emigraram recentemente, mas sim uma espécie diferente: são europeus de segunda ou terceira geração, exemplos típicos de desempregados cujo tédio e sentimento de injustiça os torna alvos fáceis para os recrutadores do terror, como aqueles que, no ano passado, incendiaram as ruas dos arredores de Paris. Jovens com formação universitária diversificada, que se tornaram radicais ouvindo imãs extremistas nas mesquitas das cidades europeias, um efeito secundário e não desejado da sua ocidentalização. Por esta razão, a assimilação social de grande número de jovens muçulmanos alienados, constitui um dos maiores desafios sociais que a Europa enfrenta.

O grande desafio para os líderes europeus será acomodar os anseios legítimos das minorias muçulmanas, sem despoletar reacções desproporcionadas dos partidos radicais anti-imigração. A política externa dos países europeus foi já afectada. As posições da França e da Alemanha, entre outros, contra os EUA sobre a guerra do Iraque derivam sem dúvida, pelo menos parcialmente, dos residentes islâmicos nos seus países. Para além de outros motivos, os europeus não podem apoiar os EUA na sua luta contra o terrorismo, em virtude de ter entre mãos um tipo diferente de disputa com o Islão.

No passado, a Europa era branca e judaico-cristã. Provavelmente, não o será no futuro. Poderá acontecer que, num futuro não muito longínquo, a Europa se transforme numa região muito diferente e instável, aquilo que alguém já apelidou de “Eurábia”!

BIBLIOGRAFIA

HUNTINGTON, Samuel P. - “O choque das civilizações e a mudança na nova ordem mundial”, Gradiva, 1996.

BENCHEIKH, Soheib – “Ceux qui ne comprennent ni l’Islam ni la liberté », « Le Monde », 2006-02-06.

GRIER, Peter – « A Crescent over Europe ? », « Air Force magazine » ; Julho de 2005.

[1] Huntington, Samuel P. - “O choque das civilizações e a mudança na nova ordem mundial”, Gradiva, 1996.

[2] Huntington, Samuel P. – obra citada, p. 57.

[3] *Mufti* – intérprete autorizado da lei muçulmana; juriconsulto que examina os pontos controversos do direito e emite sentenças (*fatwa*).

108 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/08/26

EGIPTO. DA PRIMAVERA ÁRABE PARA A PRIMAVERA ISLÂMICA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/07/02

UM GOVERNO DE TRANSIÇÃO PARA A SÍRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2012/06/12

INTERVIR MILITARMENTE NA SÍRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/31

A ENCRUZILHADA EGÍPCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/02/20

O QUE PODE SALVAR ASSAD NO CURTO PRAZO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/21

A TURQUIA E A ARÁBIA SAUDITA PERANTE A CRISE SÍRIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/11/16

QUE DEVE SER FEITO EM RELAÇÃO AO IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/10/20

BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR[1]

Fernanda Maria Costa[2]

2011/09/23

PALESTINA, O ESTADO 194º DAS NAÇÕES UNIDAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/09/10

O 11 DE SETEMBRO DEZ ANOS DEPOIS. UM BALANÇO

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/22

A LÍBIA PÓS KADHAFI

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/15

A QUESTÃO SÍRIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/09

ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA

João Nunes Vicente[1]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/11

A CRISE LÍBIA. ONDE ESTÁ A UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/18

«TODAS AS MEDIDAS NECESSÁRIAS»

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/17

A DEMOCRACIA E A GUERRA AO TERROR NO MÉDIO ORIENTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/10

QUE DEVE SER DECIDIDO HOJE EM BRUXELAS SOBRE O LÍBIA? UMA ZONA DE EXCLUSÃO DE VOO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/15

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 4)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/10

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 3)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/07

O QUE É E O QUE VAI FAZER A IRMANDADE MUÇULMANA NO EGITO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/04

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 2)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/01

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 1)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/31

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/20

QUE FAZER COM O IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/14

JOSÉ MOURINHO, UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

João Brandão Ferreira

2010/12/27

A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/07/12

FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/06/09

A INSENSATEZ DOS SEM-LIMITES (OU A AUSÊNCIA DELIMITES NA ACÇÃO DOS INSENSATOS)

Vânia L. Cintra (Brasil)

2010/06/03

ISRAEL E A FROTA DA LIBERDADE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/24

A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, AS CAUSAS PROVÁVEIS – As SOLUÇÕES POSSÍVEIS[1]

Eduardo Serra Brandão[2]

2010/01/17

ÍEMEN, A MARGEM DE MANOBRA PARA INTERVENÇÃO EXTERNA

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/08

ÍEMEN, NOVA FRENTE CONTRA O TERRORISMO?

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/07

O TGV E A DEFESA NACIONAL

João Brandão Ferreira

2009/02/17

GAZA E AS ELEIÇÕES EM ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2009/01/17

O PAPEL DO DIREITO INTERNACIONAL NA GUERRA ENTRE ISRAEL E O HAMAS: INTER ARMAS SILENT LEGES?

Tatiana Waisberg[1] (Brasil)

2009/01/16

QUEM VAI SER O VENCEDOR DO CONFLITO DE GAZA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/01/03

OS CONFLITOS DE GAZA E DA ÍNDIA/PAQUISTÃO. UMA MÁ MANEIRA DE COMEÇAR 2009.

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/06/12

DIPLOMACIA ECONÓMICA: O QUE É? [1]

Daniela Siqueira Gomes[2]

2008/05/19

OS VIZINHOS DO IRAQUE E A RETIRADA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/04

ISRAEL E SÍRIA: DO ATAQUE AÉREO DE 2007 A UM ACORDO DE PAZ EM 2008?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/18

BEMPOSTA ON THE ROAD - UM CONCEITO DIPLOMÁTICO

Bruno Caldeira

2008/04/15

O IRAQUE – UM BECO SEM SAÍDA?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/28

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III

José Vale Faria[1]

2008/03/27

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II

José Vale Faria[1]

2008/03/26

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I

José Vale Faria[1]

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/02/26

PAQUISTÃO: NOVO MOTIVO DE INQUIETAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/16

O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/02/07

IRAQUE: UM ATOLEIRO DE PROBLEMAS

Marcelo Rech[1]

2008/01/28

DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS

João Brandão Ferreira

2007/12/22

ACORDEM PORTUGUESES!

João Brandão Ferreira

2007/12/10

SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]

Jorge Silva Carvalho

2007/11/27

A CONFERÊNCIA DE ANNAPOLIS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/05

AS AMBÍÇÕES ESTRATÉGICAS DA TURQUIA E O PKK

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/27

O MISTERIOSO RAID ISRAELITA (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/22

O MISTERIOSO RAID ISRAELITA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/14

PODERÁ O IRÃO SER UMA POTÊNCIA REGIONAL?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/13

A AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO: RUMO À ERRADICAÇÃO DA POBREZA?

Daniela Siqueira Gomes

2007/07/31

IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA

João Brandão Ferreira

2007/07/18

O MARXISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/06/20

O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/06/13

HÁ SOLUÇÃO PARA O IRAQUE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/04

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.

João Pires Neves[1]

2007/05/29

DEVEM OS CHEFES DE ESTADO MAIOR DECLARAR OS RENDIMENTOS?

João Brandão Ferreira

2007/05/29

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NO MUNDO ACTUAL[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/05/22

LIMITES À PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO

Jorge Silva Carvalho

2007/05/19

A REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA – CONTINUAÇÃO DA REFORMA[2]

Jorge Silva Carvalho[1]

2007/05/10

INTELIGÊNCIA E DEFESA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: IMPACTOS DO ÚLTIMO RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA PARA O BRASIL

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/05/02

SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA E A DEFESA DA NAÇÃO[2]

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/27

POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/04/26

O GRANDE DESAFIO DA DEFESA

Grupo de Trabalho do Instituto Humanismo e Desenvolvimento[1]

2007/04/25

AS FORÇAS ARMADAS E A ECONOMIA

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/04/20

POLÍTICA DE DEFESA: INTERESSES NACIONAIS EM JOGO

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/05

A ALMA DAS INSTITUIÇÕES

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/03/21

SOPRAM MAUS VENTOS NO IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/07

O LÍBANO – ENTIDADE SINGULAR

Manuel Martins Guerreiro

2007/02/10

O CERCO APERTA-SE

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/09

ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O MAR: UMA QUESTÃO FULCRAL

José Castanho Paes

2006/12/18

BUSH E O RELATÓRIO BAKER

Alexandre Reis Rodrigues

2006/12/03

ANTI-MILITARISMO PRIMÁRIO

José Castanho Paes [1]

2006/11/13

O DESASTRE IRAQUIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]

João Vicente[1]

2006/10/26

A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

2006/09/27

UM ENSAIO DE FUTURISMO GEOPOLÍTICO[1]

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/08/28

O QUE FAZER COM O IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/22

A GUERRA CIVIL NO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/13

UM ACORDO DE CESSAR-FOGO SEM DATA MARCADA?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/07

LÍBANO. AS SAÍDAS DA CRISE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/02

A ESTRATÉGIA DO HEZBOLLAH NA GUERRA CONTRA ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

A ESTRATÉGIA ISRAELITICA NO LÍBANO. ACABARAM AS VITÓRIAS RÁPIDAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

ALGUMAS VERDADES[1]

António Borges de Carvalho

2006/07/29

ORIENTE MÉDIO: A IMPOTÊNCIA DA ONU E A INDIFERENÇA NORTE-AMERICANA

Marcelo Rech (Editor do site brasileiro InfoRel)

2006/05/06

CICLO DE CONFERÊNCIAS «PORTUGAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS» - INFORMAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

O HAMAS NO PODER

Alexandre Reis Rodrigues

2006/03/28

PARA UMA LEITURA ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-MAGREBINAS

João Brandão Ferreira

2006/03/27

O COMANDO SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

António Borges de Carvalho

2006/03/19

A GUERRA DOS CARTOONS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/25

DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL

Marcelo Rech[1]

2006/02/09

OS DILEMAS DA VITÓRIA ELEITORAL DO HAMAS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/07

A PAZ

João Brandão Ferreira

2006/02/05

GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/01/09

FILOSOFAR É PRECISO

João Brandão Ferreira

2005/03/10

A SEGUNDA QUEDA DO MURO DE BERLIM

Alexandre Reis Rodrigues